Universidade Federal do Pará

RNUFEN

PHENOMENOLOGY AND INTERDISCIPLINARITY

@Programa de Pós-graduação em Psicologia

DOI: 10.26823 / e-240599 / artigo de ensaio VOL 18 • 2026

ANÁLISE FÍLMICA DO LONGA-METRAGEM "JOJO RABBIT" À LUZ DA LOGOTERAPIA

A film analysis of the feature film "Jojo Rabbit" in light of logotherapy

Análisis fílmico del largometraje "Jojo Rabbit" a la luz de la logoterapia



Gabrielly da Boit de Oliveira



Maria de Lourdes Borges

RESUMO

O objetivo deste artigo foi realizar uma análise fílmica qualitativa do longa-metragem Jojo Rabbit a partir da Logoterapia de Viktor Frankl. Foram selecionadas seis cenas e dois personagens, utilizando os pilares teóricos da liberdade de vontade, vontade de sentido e sentido da vida como bases interpretativas para conferir uma hermenêutica viva à narrativa. Os resultados analíticos revelam que o personagem alemão Jojo rompe com os pensamentos coletivistas e fanáticos nazistas, superando uma potencial neurose noogênica, ao exercer sua dimensão noética e encontrar valores além de si. Paralelamente, a personagem judia Elsa é incentivada a exercitar ativamente o autodistanciamento. Por meio da sua liberdade de vontade, ela transforma o sofrimento inevitável através de novos valores de atitude, alcançando um autêntico sentido existencial que culmina em sua própria e plena liberdade final.
Palavras-chave: Logoterapia. Análise Fílmica. Jojo Rabbit

ABSTRACT

The objective of this article was to perform a qualitative filmic analysis of the feature film Jojo Rabbit based on Viktor Frankl's Logotherapy. Six scenes and two characters were selected, using the theoretical pillars of freedom of will, will to meaning, and meaning in life as interpretive bases to confer a living hermeneutic to the narrative. The analytical results reveal that the German character Jojo breaks with collectivist and fanatical Nazi thoughts, overcoming a potential noogenic neurosis, by exercising his noetic dimension and finding values beyond himself. Concurrently, the Jewish character Elsa is encouraged to actively exercise self-distancing. Through her freedom of will, she transforms inevitable suffering through new attitudinal values, achieving an authentic existential meaning that culminates in her own full and final freedom.
Palavras-chave: Logotherapy. Filmic analysis. Jojo Rabbit

RESUMEN

El objetivo de este artículo fue realizar un análisis fílmico cualitativo del largometraje Jojo Rabbit a partir de la Logoterapia de Viktor Frankl. Se seleccionaron seis escenas y dos personajes, utilizando los pilares teóricos de la libertad de voluntad, la voluntad de sentido y el sentido de la vida como bases interpretativas para conferir una hermenéutica viva a la narrativa. Los resultados analíticos revelan que el personaje alemán Jojo rompe con los pensamientos colectivistas y fanáticos nazis, superando una potencial neurosis noógena, al ejercer su dimensión noética y encontrar valores más allá de sí mismo. Paralelamente, se incentiva al personaje judío Elsa a ejercer activamente el autodistanciamiento. Por medio de su libertad de voluntad, ella transforma el sufrimiento inevitable a través de nuevos valores de actitud, alcanzando un auténtico sentido existencial que culmina en su propia y plena libertad final.
Palavras-chave: Logoterapia. Análisis fílmico. Jojo Rabbit

Introdução

A logoterapia é descrita como uma psicoterapia centrada no sentido da vida, uma vez que ela age como uma força motriz que impulsiona o ser humano e o orienta e/ou reorienta dentro da própria existência (Frankl, 2021; Frankl, 2005). Para Frankl, os seres humanos são influenciados por fatores biológicos, psicológicos, sociais e culturais em uma visão antropológica integral (Ferreira et al., 2024). Para ele os sujeitos são livres na tomada de posicionamento diante das diversas circunstâncias que possam enfrentar em suas vidas. Essa liberdade no posicionamento é, portanto, influenciada pelo sentido que o sujeito atribui à própria existência de maneira livre e responsável (Frankl, 2021; Santos, 2016; Santos, 2019).

Mesmo o sofrimento sendo visto como inerente à vida humana, até mesmo diante das piores circunstâncias, para a logoterapia é possível encontrar sentido. Isso acontece a partir da liberdade de vontade, capacidade humana que pode transformar dor em objeto de triunfo ou de conquista (Frankl, 2021; Lima et al, 2020).

Percebe-se que os conceitos da logoterapia podem ser evidenciados em análises de filmes. Young (2014) aponta que os filmes psicologicamente vivos são aqueles que possuem narrativas que abordam aspectos essenciais da vida humana, independentemente do gênero da obra. A análise fílmica pode ser utilizada como prática metodológica (Vanoye & Goliot-Lété, 2002), pois as obras cinematográficas podem funcionar como “espelhos” que refletem a essência do que é o ser humano. Os enredos apresentam esferas do comportamento social (mesmo quando a história não apresenta seres humanos como protagonistas ou personagens envolvidos na narrativa) representando, por vezes, uma geração ou um período específico (Young, 2014).

Para este artigo foi escolhido o filme Jojo Rabbit (2019) dirigido por Taika Waititi, para ser analisado a partir da abordagem teórica da logoterapia. O longa-metragem foi o ganhador do Oscar de 2020 na categoria “Melhor roteiro adaptado”, e classificado com 80% de aprovação pelo RottenTomatoes (2019), site agregador de críticas fílmicas e televisivas. O filme conta a história de Jojo, um menino de 10 anos, que vive na Alemanha Nazista em meio a Segunda Guerra Mundial. A narrativa é desenvolvida a partir da perspectiva do personagem que tem suas convicções abaladas quando desenvolve uma amizade inesperada com uma menina judia que encontra escondida em sua casa.

O objetivo deste artigo foi realizar uma análise fílmica do longa-metragem Jojo Rabbit a partir dos pressupostos teóricos da Logoterapia de Viktor Frankl a partir da seleção de seis cenas do filme e dois personagens interrelacionados na análise.

Em consulta nas bases de dados Scielo e BVS-Psi, utilizando como descritores: “logoterapia AND análise fílmica”; “logoterapia AND filmes” e “psicologia AND análise fílmica” foram encontrados 22 artigos. Foi percebido que a utilização dos filmes, por vezes, é articulada com áreas específicas da psicologia, como a psicopatologia (Ruas & Oliveira, 2018) e a psicologia cognitiva (Lascombe et al, 2019; Amaral et al, 2020). A maior parte dos artigos encontrados possuíam viés psicanalítico,

como é o caso dos trabalhos de Weinmann (2017) e de Teodoro et al (2021). Diante dos resultados, percebe-se uma lacuna de pesquisas que utilizem a logoterapia como embasamento teórico para análises fílmicas. Assim, percebe-se escassez de produções teóricas seguindo a metodologia de análise fílmica articulada com a logoterapia.

Referencial teórico

Viktor Frankl e a logoterapia

O fundador da logoterapia,Viktor Emil Frankl, nasceu em 26 de março de 1905 em Viena em uma família judia. Por volta dos quatro anos de idade ele foi assombrado com a realidade de que um dia morreria. A partir disso, os alicerces da logoterapia começaram a ser gerados em seu próprio quarto, pois ele relata que, desde muito novo, constantemente depois de tomar seu café da manhã, se questionava a respeito do sentido da vida, ou como ele mesmo diz qual sentido aquele dia teria para ele (Frankl, 2010). Isso ocorre porque o sentido da vida não é entendido como abstrato, mas como objetivo e específico para cada situação que cada um se confronta durante a própria existência (Santos, 2016).

Frankl (2005), relata que certa vez, em uma aula, um dos seus professores de ciências ensinou que a vida não passava de um processo de combustão. Ele se levantou e perguntou ao professor que sentido então teria a vida? Do seu professor não obteve respostas, mas continuou com esta indagação (Frankl, 2010). Mais tarde, Frankl afirmou que “em alguns aspectos, é a morte que faz que a vida tenha, enfim, algum sentido” (Frankl, 2010, p. 26).

O autor relata que, desde a infância, havia se decidido pela carreira médica, mas foi anos mais tarde, com a influência da psicanálise, que Frankl encontrou na psiquiatria a possibilidade de atuação (Frankl, 2010). Quando tinha oportunidades de realizar palestras ou ministrar algum curso, ele aproveitava para compartilhar as suas próprias percepções sobre o sentido da vida, o qual deve ser descoberto no mundo (Moreira & Holanda, 2010), sendo único e mutável para cada pessoa por meio da atribuição de um significado concreto para a existência (Santos, 2016). Foi por essa época que ele desenvolveu duas ideias centrais da logoterapia: a responsabilidade pessoal acompanhada da liberdade de vontade do ser humano e a existência de um último sentido que transcende a compreensão, o supra sentido (Frankl, 2010). O termo “logoterapia” foi empregado publicamente pela primeira vez em 1926, em uma palestra na Associação Acadêmica de Psicologia Médica em Viena. Tempos depois, o autor também usaria “análise existencial” como termo alternativo de sua abordagem teórica (Frankl, 2010).

Em março de 1938, as tropas nazistas tomaram a Áustria. Frankl relatou que estava ministrando uma palestra e não sabia do acontecido até que um homem da SA interrompeu o evento tentando obrigá-lo a encerrá-lo, porém ele continuou falando até concluí-la (Frankl, 2010). O autor relatou que, a partir da tomada da Áustria, conseguir um visto para os Estados Unidos se tornou muito difícil. Porém, quando o visto foi liberado, ele não conseguiu deixar os pais, permanecendo com

eles até sua deportação para o campo de concentração nazista (Frankl, 2010). Frankl passou por quatro campos de concentração. Foi a partir de sua experiência como o prisioneiro 119.104 que, mais tarde, publicou o livro "Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração". Ele foi enviado para Auschwitz com sua primeira esposa Tilly, onde foram forçosamente separados. Os seus pais e irmãos também foram para os campos. De toda a sua família, apenas ele e a irmã sobreviveram.

Em Auschwitz, Frankl relata que precisou usar um sobretudo velho que havia encontrado, o qual certamente havia pertencido a um dos prisioneiros levado para a câmera de gás. No bolso encontrou uma página de um livro de orações onde conseguiu ler em hebraico a principal oração judaica "Shemá Israel" (Ouça, Israel). Conta que, naquele momento, entendeu que estava diante de um desafio para vivenciar aquilo que ele havia escrito ao longo de seu percurso acadêmico (Frankl, 2010). No campo de concentração, Frankl enxergou a possibilidade de, como psiquiatra, estudar os processos psicológicos dos prisioneiros e, como sujeito, relatar a sua própria vivência. Em sua obra, retrata desde a chegada no campo de concentração, passando pelas humilhações e a indignação, a estranha indiferença, o humor sarcástico no tempo impróprio, as descobertas do quanto o ser humano é capaz de enfrentar, o que é compreendido como "humanamente impossível" e a compreensão de que a vida sempre tem um sentido, mesmo nas piores circunstâncias (Frankl, 2021). Sendo assim, a logoterapia é uma abordagem psicoterapêutica tendo o sentido da existência humana como propósito central (Leoncio, 2021).

O ser humano na logoterapia: conceitos antropológicos

Para Frankl (2011), uma abordagem psicológica contempla dois principais fatores: uma antropológica e uma filosófica. Ele seguiu o seu pensamento na linha Fenomenológica Existencial, filosofia que embasa a logoterapia. Apesar de sua escola teórica ter sido classificada entre o existencialismo e o humanismo, Frankl faz apontamentos em suas obras trazendo reparos críticos para ambas as classificações (Frankl, 2005). Suas críticas, a priori, se opunham à visão humanística de que a autorrealização é encontrada em si mesmo. Para Frankl, a busca pelo sentido vai além de si em um movimento para fora, para o mundo (Frankl, 2005; Andrade, 2018), gerando uma possibilidade para a autorrealização. O sujeito em tratamento na logoterapia é visto em sua totalidade, entendido nas dimensões bio-psico-social-espiritual (Andrade, 2018).

Essa nova dimensão é nomeada de noética ou noológica, isto é, espiritual, a qual não se refere a concepções religiosas (Frankl, 2011). Na dimensão noética, portanto, é onde os fenômenos essencialmente humanos ocorrem. É nela que ocorre a consciência de si e a possibilidade de avaliação pessoal, julgar as suas próprias ações e as tomadas de posicionamentos (Frankl, 2011). A dimensão noética se refere a um espaço essencialmente humano onde residem a liberdade, responsabilidade, senso ético, criatividade, busca do sentido último da vida, além de intencionalidade (Santos, 2016).

O amor é outro fenômeno que pode ser reconhecido como puramente humano; para o autor amar significa ser cativado pela singularidade do outro. Enxergar o outro como de fato é, além do que é visível. Amar seria enxergar as potencialidades de quem o outro pode se tornar e ajudá-lo a alcançar essas potencialidades (Frankl, 2011; Frankl, 2021). Além disso, tanto o amor como a consciência envolvem uma outra característica essencialmente humana: a autotranscendência (Frankl, 2011) como a sua manifestação e possibilidade de realização existencial (Santos, 2016).

A autotranscendência se refere ao movimento do ser humano em se voltar para algo que está além dele, segundo Frankl (2021), um sentido a realizar ou alguém para amar. Ela está associada a liberdade do sujeito em enfrentar os seus condicionantes, pois quanto mais busca em alguém ou no sentido uma razão para qual viver ultrapassando os limites circunstanciais, mais humano se torna (Frankl, 2021; Santos, 2016).

Da mesma forma, o autodistanciamento se apresenta como outra característica antropológica da logoterapia. Distanciar-se de si mesmo é uma condição da dimensão noética, pois é ela que permite a autoavaliação (Frankl, 2011). Logo, o autodistanciamento auxilia o ser humano a entender que ele não é a situação que o acomete, não é a sua própria limitação (Santos, 2016). A partir disso, Frankl (2011) estabeleceu uma tríade para conceituar os três pilares pelos quais a visão antropológica da logoterapia se sustenta: a liberdade de vontade, a vontade de sentido e o sentido de vida, os quais são aprofundados a seguir.

Sobre a base logoterápica

O primeiro dos pilares que constitui o ser humano na logoterapia, é definido como a liberdade da vontade humana (FRANKL, 2011). Ela se opõe ao pandeterminismo, conceito criado pelo pelo autor para identificar a visão de que o homem é condicionado na sua totalidade pelos fatores biológicos, sociais e comportamentais, sem considerar sua liberdade de tomar decisões frente aos seus condicionantes Frankl explica que o ser humano não é livre dos condicionamentos biológicos e psicoambientais, mas tem liberdade para enfrentá-los, através de atitudes independentes e não circunstanciais. (Frankl, 2011; Santos, 2016).

Essa liberdade de vontade é o que capacita os sujeitos a exercerem o autodistanciamento, enxergando as situações a partir de outras perspectivas e produzindo nelas sentido. Frankl exemplifica a partir da sua própria experiência no campo de concentração, quando se vê como protagonista e ao mesmo tempo observador do comportamento humano diante da tragédia (Frankl, 2011; Frankl, 2021).

Sendo uma capacidade puramente humana, o autodistanciamento é evidenciado tanto no humor quanto no heroísmo, sendo seu modo de se manifestar (Ferreira et al., 2024). Heroísmo em enfrentar situações que, humanamente, parecem ser impossíveis e contraditórias aos condicionantes externos (como no caso dos campos de concentração) e humor como resultado

positivo do autodistanciamento, quando se encontra graça nas piores condições, tornando possível rir em meio ao caos (Frankl, 2011; Frankl, 2021; Ferreira et al., 2024).

É importante ressaltar que a liberdade de vontade vem acompanhada da responsabilidade e da consciência. Não há como ser livre, sem primeiramente se tornar responsável e consciente sobre a sua liberdade, sendo assim, a responsabilidade é englobada em dois aspectos: um sentido pelo qual o ser humano se sente responsável ou alguém pelo qual ele se sente responsável (Frankl, 2021; Santos, 2016).

O segundo pilar da constituição do ser humano é a vontade de sentido. Esta é definida como a constante busca por um sentido de vida (Santos, 2016). Nas palavras de Frankl (2011, p. 50), “o esforço mais básico do homem na direção de encontrar e realizar sentidos e propósitos”. A vontade de sentido, então, se apresenta como aquela que é a originária entre as motivações intrínsecas.

Dessa forma, o autor aponta que a vontade de sentido descrita por ele se opõe a vontade de prazer freudiana e a vontade de poder adleriana (Frankl, 2011). Ambas partem do princípio de que é necessário o manejo das tensões internas para o alcance de um equilíbrio - a homeostase. Porém, Frankl discorda afirmando que a tensão é necessária, em certa medida, e saudável (Frankl, 2011; Frankl, 2021; Santos, 2016), pois é através das tensões que o ser humano se eleva a um estado que transcende o “ser” e encontra-se com o “dever” (Frankl, 2019; Frankl, 2021; Santos, 2016). Assim, o prazer, na perspectiva freudiana, ou o poder, na perspectiva adleriana, não representam o ponto final para a autorrealização, mas derivações de uma motivação primária que é a vontade de sentido (Frankl, 2011), sendo um esforço humano para encontrar propósito na vida, motivação primária e força central que move o ser humano (Ferreira et al., 2024) A frustração dessa vontade, porém, é a originadora de um sentimento de vazio que Frankl nomeou como vazio existencial ou frustração existencial (Frankl, 2011; 2019; 2021). Esse vazio existencial pode se apresentar principalmente por meio de uma sensação de tédio (Frankl, 2011). O tédio pode implicar diversas formas de compensação, incluindo pela vontade de poder ou vontade de prazer, bem como pela dependência de substâncias químicas, consumismo desenfreado e outros (Frankl, 2021).

O vazio existencial não é uma doença em si, nem mesmo é desenvolvido por uma patologia. Porém, ele pode ser potencialmente patológico, originando uma neurose noogênica - isto é, uma neurose desenvolvida a partir das dimensões noéticas do ser humano (Frankl, 2021). O autor destacou as neuroses noogênicas como o “mal do século XX” (Frankl, 2011; 2021), mas Andrade (2018) destaca que a falta de sentido ainda é um fator que necessita de atenção na sociedade contemporânea, principalmente pela evolução tecnológica que limita o desenvolvimento de relações interpessoais mais profundas.

Dessa forma, chega-se ao terceiro pilar que constitui o sujeito na logoterapia, o sentido de vida, o qual é definido como a atribuição de um significado para a existência do ser humano. O sentido não é transmitido através das tradições, mas deve ser encontrado pelo próprio sujeito. Ele é um significado concreto, isto é, algo que o sujeito consegue realizar (Frankl, 2005; 2010; 2011; 2021; Santos, 2016).

A realização do sentido ocorre por meio da concretização dos valores por meio de três formas: valores de atitude (em uma ação que se realiza ou decisão que se toma diante do sofrimento), valores de criação (uma obra que se cria ou se produz) e valores de experiência (vivenciando algo ou encontrando alguém para amar) (Frankl, 2010; , 2011; Santos, 2016). Essas três categorias de valores indicam a incondicionalidade do sentido da vida, o qual pode ser expresso em qualquer situação, mesmo as trágicas (Santos, 2019).

Dessa forma, o sentido pode estar na criatividade, no trabalho, no amor e no regozijar da vida, mas também pode ser encontrado no sofrimento e na angústia. A forma com a qual se lida com o sofrimento, se enfrentado com dignidade e coragem se refere ao valor de atitude, pois o sofrimento que faz parte da vida, também tem sentido(Santos, 2016). A superação do sofrimento ocorre a partir da consciência de que o preenchimento da vida é responsabilidade única de cada indivíduo (Leoncio, 2021).

Metodologia

Para Minayo (2009), a metodologia é composta essencialmente por três partes: o método, as técnicas e a subjetividade do pesquisador. Segundo a autora, elas estão interligadas e dão forma a uma boa metodologia de pesquisa no campo das Ciências Sociais. Minayo (2009) aponta que ao lidar com seres humanos, suas individualidades e os significados em torno de seus contextos, o objeto dessa investigação será sempre qualitativo.

A abordagem qualitativa se propõe a ampliar os seus pensamentos e hipóteses para que seja possível entender como se dá um fenômeno especificamente humano. Assim, estudar o universo do que é essencialmente humano não é uma tarefa que pode ser apenas quantificada, mas deve ser compreendida a partir da realidade daquilo que se estuda (Minayo, 2009).

Compreendendo que o presente artigo se propõe a estudar as relações humanas e os seus significados a partir de uma obra cinematográfica, entendeu-se que a abordagem qualitativa seria a mais adequada para esse estudo, pois permite esse olhar amplo para os fenômenos humanos e suas singularidades, bem como dá espaço a sensibilidade e subjetividade do pesquisador/analisador (Minayo, 2009). A obra cinematográfica estudada neste artigo é o filme Jojo Rabbit (2019) escrito e dirigido por Taika Waititi em 2019, a qual foi escolhida, pois dentre outras opções, mais apresentava elementos analisáveis da logoterapia no seu enredo.

Para a análise foram aplicados os passos de análises fílmicas descritos por Vanoye e Goliot-Lété (2002), constituídas de duas etapas principais. A primeira é caracterizada pela decomposição das partes da obra cinematográfica; pela sua desconstrução, constituindo-se da primeira etapa da análise (Fase 1). Esse processo permite observar as partes isoladas e, dessa forma, estar atento aos detalhes que passam despercebidos quando se é exposto ao filme em sua totalidade (Vanoye & Goliot-Lété, 2002). A segunda etapa consiste em estabelecer elos, identificar como os elementos se associam e podem ser articulados (Fase 2), de maneira a compreender o filme e interpretá-lo

(Vanoye & Goliot-Lété, 2002). É na fase de interpretação que se faz relações com aspectos teóricos, pois a partir delas a observação e a interpretação do espectador não são baseadas apenas na sua subjetividade (Young, 2014). mbora a divisão das duas etapas não necessite estar claro no texto, elas precisam ocorrer (Vanoye & Goliot-Lété, 2002). Descrever as cenas do filme não se configura como interpretação, a qual acontece após a decomposição das partes e é articulada com uma análise crítica. Porém, também deve-se ter cuidado para não interpretar antes da descrição, pois essa interpretação será pautada a partir do anseio e das hipóteses próprias do analisador e não no conteúdo da obra em si (Vanoye & Goliot-Lété, 2002).

Resultados e discussão

O contexto do filme Jojo Rabbit

O longa-metragem Jojo Rabbit, com 1h48min de duração, foi escrito e dirigido por Taika Waititi em 2019 e lançado no Brasil em fevereiro de 2020. O filme é uma adaptação da obra literária Caging Skies (“O céu que nos oprime”, na tradução para o português), de Christine Leunens. A produção do filme foi realizada pela Fox Searchlight Pictures e a distribuição feita pela Walt Disney Studios Motion Picture. Atualmente o longa-metragem está disponível para ser assistido na plataforma de streaming Telecine. O gênero do filme foi categorizado como comédia dramática. Nas obras cinematográficas, esse gênero se refere a histórias de cunho dramático, com frequência envolvendo temáticas sérias, porém sendo abordadas com comicidade e/ou sarcasmo (Michaelis, 2021).

Jojo Rabbit segue essa proposta trazendo como contexto os últimos anos da Segunda Guerra Mundial e as idealizações de um menino alemão sobre o nazismo. Apesar da temática séria e que, comumente, é esperada ser tratada com cautela nas obras cinematográficas, o filme explora um caráter sátiro a respeito do movimento nazista e da figura de Adolf Hittler que é interpretado pelo próprio diretor da obra, Taika Waititi.

O longa-metragem conta a história de Jojo Betzler, um menino alemão de 10 anos, fascinado pelo movimento nazista e que tem Adolf Hitler como um “amigo imaginário”. Uma das principais características do filme é a intercalação entre a fantasia de Jojo com o Hitler Imaginário e os acontecimentos da sua realidade. O ditador nazista aparece em diferentes cenas como se estivesse convivendo com Jojo, mas ele é nada mais que uma representação infantilizada da fantasia do menino sobre Hitler.

O filme começa com Jojo se preparando para ir ao acampamento de treinamento, o que faz com o que o seu sonho de se tornar guarda-costas do ditador nazista pareça cada vez mais próximo. Em certo momento, durante o final de semana do referido acampamento, em uma demonstração de como se preparar para matar um judeu, Jojo é instigado por meninos mais velhos a matar um coelho. Porém, ele hesita diante da iminência de matá-lo e o espanta, o que faz com que ele vire motivo de deboche para os outros que começam a apelidá-lo de “Jojo, o coelho”, Jojo Rabbit, em

inglês, relacionando-o com o animal, pequeno e frágil. Em um momento de reflexão e diálogo com o Hitler Imaginário, Jojo entende que precisa demonstrar sua coragem, mas nesse processo acaba se ferindo e sendo afastado do acampamento.

Ele volta para a casa com sua mãe, Rosie, e começa a trabalhar como auxiliar do pelotão nazista, sendo responsável por fazer campanhas nas ruas e recolher doações para o partido. Rosie, diferente de Jojo, não concorda com os ideários nazistas, porém demonstra se manter cautelosa acerca dos seus posicionamentos. Em um dia em que Jojo chega em casa sozinho, ele ouve um barulho e, ao averiguar, descobre que no quarto de sua irmã falecida, escondida atrás de uma parede falsa, havia uma menina judia chamada Elsa. A menina foi acolhida por Rosie que a manteve escondida. Elsa e Jojo se desentendem, mas logo percebem que podem usar um ao outro para os seus próprios benefícios.

Ao longo do tempo, os dois acabam criando uma amizade, o que faz com que Jojo passe a questionar o nazismo e o seu "amigo imaginário". Jojo também acaba descobrindo que sua mãe fazia parte de um movimento antinazista, lutando pela libertação da Alemanha do regime de Hitler, o que resultou em sua morte. Jojo e Elsa passam a viver sozinhos, aprendendo a lidar com as diferenças, desconstruindo os preconceitos e buscando viver em meio ao caos do final da Segunda Guerra na Alemanha.

Análise fílmica

Foram eleitas seis cenas para a análise. As cenas foram escolhidas pela possibilidade de evidenciar materiais que se associavam a conceitos da logoterapia. A partir desta escolha, foi possível elencar as cenas nas temáticas definidas a partir do conceito dos três pilares da logoterapia: liberdade de vontade, vontade de sentido e sentido de vida. As cenas que contêm diálogos foram apresentadas indicando a primeira letra do nome do personagem em conjunto com a descrição do diálogo, bem como a minutagem em que a cena acontece. As cenas analisadas foram agrupadas segundo as temáticas e não necessariamente em ordem cronológica da narração.

Sobre a liberdade de vontade

Na primeira cena analisada, Jojo está no seu acampamento de treinamento. Alguns meninos mais velhos estão ensinando que não há espaço para "fracos" no exército de Hitler e que eles precisam estar prontos para matar sob o comando. Jojo demonstra estar ansioso e retraído. Os meninos, então, ordenam que ele mate um coelho para demonstrar que não tem medo. Jojo pondera se deve matar ou não enquanto escuta o coro dos demais ordenando que ele o faça, porém o menino se nega e tenta assustar o coelho para que o animal fuja. Os meninos mais velhos então, pegam o animal e o matam na frente de Jojo e depois o empurram no chão, ameaçando-o. Esta cena ocorre aos 11 minutos do filme.

Ele é apelidado de “Jojo, o coelho”, por ser relacionado como alguém pequeno e frágil. Jojo consegue escapar, fugindo para um lugar isolado e lá ele dialoga de maneira imaginária com sua fantasia de Hitler. Na sua imaginação, Hitler Imaginário (HI) lhe diz que os coelhos são mais fortes do que aparentam ser.

> HI- Os coelhos não são covardes. O humilde coelhinho enfrenta o mundo hostil todos os dias, ele caça cenouras para a sua família e para o seu país. Meu império será cheio de todos os tipos de animais, leões, girafas, zebras, rinocerontes, polvos, ‘rinocerolvos’ e até o grande coelho [...] Me deixe lhe dar um conselho, seja o coelho! O humilde coelho é mais esperto que os inimigos dele. Ele é corajoso, furtivo e forte. Seja o coelho! (13:30).

Enquanto ainda está dialogando, em sua fantasia, com o Hitler Imaginário, seu amigo Yorki aparece questionando como ele está e Jojo afirma que voltará ao acampamento para mostrar aos outros quem é o verdadeiro “coelho covarde”. Ele sai correndo dizendo que irá “ser o coelho” e cantando “Jojo, o coelho” com a ideia de realizar um ato de coragem. Jojo, em um impulso, pega uma granada e a joga longe, porém ela volta para perto dele, explodindo e o ferindo.

Quando se leva em consideração o contexto da cena apresentada, incluindo seus diálogos, é possível perceber características do primeiro pilar da constituição de sujeito para a logoterapia, que é a liberdade de vontade (Frankl, 2011). Jojo é exposto a uma situação de perigo onde se sente ameaçado por garotos mais velhos e maiores que ele, porém em uma reflexão com o seu “amigo imaginário”, ele ressignifica a expressão utilizada para humilhá-lo.

Essa tomada de posicionamento se opondo aos condicionantes externos (a ameaça e a humilhação) enxergada na atitude de Jojo,é entendida como liberdade de vontade . Esse conceito foi constituído por Frankl (2011) se opondo ao pandeterminismo, para o qual os seres humanos não são capazes de tomar posição frente a qualquer condicionante (Santos, 2016). É através do autodistanciamento, ou seja, do movimento de se afastar de si mesmo e enxergar as situações por uma outra perspectiva, que a liberdade de vontade pode ser concretizada. É possível perceber esse movimento na cena quando Jojo, ao se auto distanciar do que está sentindo ao conversar com o Hitler Imaginário, o qual faz parte da sua própria fantasia, decide ressignificar a expressão “ser um coelho”, uma vez que a liberdade de vontade se manifesta no humor ou no heroísmo (Ferreira et al., 2024). No caso da cena destacada, Jojo tenta expressá-la com um ato de heroísmo ao tentar se mostrar digno de ser um militar. Ele pega uma granada e tenta arremessá-la, porém acaba sofrendo um acidente.

O autor também aponta que a liberdade de vontade é acompanhada pela responsabilidade, expressa em duas questões (Frankl, 2021; Santos, 2016): Diante de quem me sinto responsável? Pelo o que me sinto responsável? Não há liberdade de vontade sem a responsabilidade e a consciência. No filme é possível enxergar que Jojo sentia a necessidade de se provar digno de ser nazista, essa necessidade se manifestava em forma de responsabilidade. O questionamento “Diante de quem me sinto responsável?”, era respondido de forma simples: diante de um Führer imaginário.

O conceito de liberdade de vontade pode ser identificado em outra cena, porém antes faz-se necessário contextualizar e relembrar que a personagem Rosie, mãe de Jojo, escondia em sua casa uma menina judia, Elsa, que era uma amiga próxima de sua falecida filha mais velha.

Na cena seguinte analisada, Elsa e Rosie estão conversando escondidas. Rosie alerta Elsa para que ela possa ter cuidado e evitar ser descoberta por Jojo, embora nesse momento da história, o menino já soubesse sobre a existência de Elsa sem o conhecimento da mãe. Rosie confessa que apesar do fanatismo de Jojo pelo movimento nazista, sabe que ele é apenas uma criança e que a inocência infantil ainda está presente nele. Ela diz para Elsa que tem esperanças que o único filho que lhe resta não seja mais um fantasma, nesse momento Elsa responde que talvez todos são fantasmas.

Rosie acolhe a menina afirmando que ela viveu mais do que a maioria do seu povo, porém Elsa responde que ainda não havia vivido nada por necessitar se esconder diariamente. Rosie, então, a incentiva a perseverar e diz que o fato de permanecer viva já é uma afronta à Alemanha nazista. Esta cena encontra-se aos 33 minutos do filme.

A liberdade de vontade também pode ser encontrada nesse estrato do filme quando Elsa se mostra desesperançosa a respeito do seu futuro e frustrada com o contexto social que está inserida. Porém, Rosie (R) aponta uma nova perspectiva para a menina de modo que ela possa compreender que mesmo incapacitada de mudar as circunstâncias em seu entorno, pode alterar sua postura frente a elas.

> R - Você está sendo desafiada! Os alemães dizem que vocês não podem ficar vivos. Se isso acontecer, eles vencem.
> E - Eles estão vencendo até agora…
> R - Eles nunca vencerão! Esse é o poder que você tem. Enquanto houver um vivo em algum lugar, eles perdem. Não pegaram você ontem, não pegaram você hoje. Faça amanhã ser do mesmo jeito. Amanhã precisa ser do mesmo jeito! (33:05)

Dessa forma, Rosie propõe que Elsa se distancie de si mesma e da sua dor, tomando uma posição apesar das circunstâncias desfavoráveis em sua volta. Essa postura que é solicitada por Rosie diz respeito ao enfrentamento e a capacidade de autodistanciamento descritas por Frankl (2011) como algo essencialmente humano. Além disso, neste caso, o autodistanciamento se refere à dimensão noética como uma nova postura existencial, pois sua sobrevivência ultrapassa o instinto biológico e passa a ser uma decisão pessoal de vontade baseada em valores de atitude, que consiste em uma decisão diante de um sofrimento inevitável (Santos, 2016). Ademais, o autodistanciamento é experienciado, nesta cena, através da liberdade de vontade, que ajudou Elsa tomar uma posição e superar condicionantes externos (Santos, 2016).

A manifestação da liberdade de vontade potencializa a busca pelo sentido da vida (Frankl, 2021), sendo singular, mutável e incondicional, independente das circunstâncias externas (Santos, 2016). No caso do filme, Elsa ser incentivada a distanciar-se de si mesma, possibilitou à ela olhar

além do seu próprio sofrimento, mas sim para o que fosse possível fazer, apesar dele. Sendo assim, por meio do autodistanciamento, como uma capacidade da dimensão noética, a liberdade de vontade pode ser exercida, uma vez que Elsa se afastou da visão de si mesma em uma condição passiva de vítima (Moreira & Holanda, 2010). Dessa forma, a personagem é impulsionada a buscar pelo seu próprio sentido de vida naquela circunstância.

Para além desse aspecto, nessa cena Rosie incentiva Elsa a se posicionar sob uma nova postura existencial que se relaciona com a dimensão noética, quando ela percebe que não é definida pelas circunstâncias externas de cerceamento e violência, mas pode avaliar seus posicionamentos e pensamentos (Frankl, 2011; Santos, 2016).

Sobre a vontade de sentido

A cena a seguir acontece quando Jojo sai de casa pela primeira vez após o seu acidente. Eles estão em uma praça quando enxergam os corpos enforcados de manifestantes alemães contra o partido nazista. Na forca colocada em praça pública, há uma tábua com o escrito “Wir haben das deutsche Volk betroge”, traduzindo “Nós traímos o povo alemão.”. A cena destaca os pés de um dos corpos enforcados, nele há um papel preso em sua roupa com a frase “Befreit Deutschland Bekämpft Die Partei” na tradução “Liberte a Alemanha, lute contra o partido!”. Ao se deparar com a cena, perplexo, Jojo desvia o olhar. Porém, Rosie o força a continuar olhando para os corpos. Jojo pergunta o que eles fizeram, Rosie responde: “Fizeram o que podiam”. A cena em questão ocorre aos 20 minutos do filme.

Nesta cena, observa-se o enfrentamento da morte com características de dignidade, em que os personagens enfrentaram a tríade trágica (dor, culpa e morte), produzindo sentido por meio dos valores de atitude por meio da dignidade e coragem (Santos, 2016).

O fenômeno de busca constante de significado da existência, que não necessariamente é consciente, é descrito pelo autor como vontade de sentido ou também, desejo de sentido. Ao construir esse conceito, Frankl (2011; 2005) se opôs às escolas psicológicas que, segundo ele, reduziam o ser humano a alguém necessitado de um equilíbrio interno (homeostase). No contexto da cena apresentada, o movimento que Jojo faz de virar a cabeça para desviar o olhar em conjunto com a expressão “Eca” (20:16) demonstra a preservação de si mesmo, a busca pelo equilíbrio interno que Frankl se opõe.

Para Frankl (2011; 2005), a tensão não deve ser evitada, mas ela na medida certa e não excessiva, é saudável. Diante das tensões é que o ser humano é colocado em um ambiente onde precisa responder às circunstâncias de sua vida, nota-se que não é reagir por “instinto” ou impulsos, mas dar uma resposta livre e responsável às situações (Frankl, 2011; 2005). Quando Jojo busca afastar o olhar da situação, ele nega o confronto que a cena experienciada pode causar em si. Porém, Rosie força o filho a olhar para os corpos novamente. De forma análoga, é como se a personagem empurrasse Jojo para enxergar uma realidade que ele não queria ver.

Por ter um caráter tensional e não acreditar que a satisfação (ou auto-realização) se encontram no "Eu", a vontade de sentido é a forma principal de manifestação da autotranscendência, para isso, o indivíduo deve sair do foco sobre si mesmo para um encontro com o "outro", já que é no mundo que está o sentido e não internamente nos sujeitos (Frankl, 2011; 2021, Moreira; Holanda, 2010).

Ainda no contexto da cena, é possível identificar aspectos da vontade de sentido, principalmente elementos relacionados à autotranscendência. A cena apresenta cidadãos alemães enforcados com a denúncia de terem "traído" o movimento nazista, a traição se configurava na luta pela liberdade da Alemanha do regime de Hitler, na ajuda de judeus a se esconderem ou fugirem e negar/rejeitar as ideias nazistas. Esses comportamentos, porém, demonstram uma motivação autotranscendente. É plausível pensar que as pessoas que foram enforcadas, em algum momento, se autodistanciaram de si para olhar o "outro" (os perseguidos pelo regime ditatorial nazista) e a partir desse movimento de autotranscendência, encontraram um sentido pelo qual viver, ou morrer.

Porém, assim como o ser humano é livre para responder às circunstâncias externas, também é livre para não responder a elas. Sendo assim, a vontade de sentido é o que evidencia a razão da reação. O autor expõe que o ser humano não deseja o sentimento de satisfação, felicidade e autorrealização, mas a busca é pelo o que as gerou. Dessa forma,os sentimentos são a consequência da realização do sentido, o seu efeito colateral (Frankl, 2011; Santos, 2016).

Porém, a busca pela reação antecedendo a razão pode influenciar sobre uma "frustração existencial", expressa por meio de um estado de indiferença ou tédio, a qual não é, necessariamente, patológica (Frankl, 2011; Santos, 2016). Porém, ela pode vir a desenvolver uma neurose denominada de "neurose noogênica", pois é originada pela dimensão noética (Frankl, 2021), a partir de uma frustração ou vazio existencial diante da percepção individual de falta de significado, coerência e propósito na vida (Ferreira et al., 2024). Esse tipo de neurose foi classificada como uma neurose coletiva, pois a frustração existencial, quando de forma exacerbada no contexto social promove outros sintomas sociais (Frankl, 2021).

Para analisar a seguinte cena, se faz necessário contextualizar os momentos que antecederam os diálogos apresentados. Jojo descobre que a Alemanha perdeu a guerra e também entende que o que tomava por certo, na verdade, não era. Seu amigo Yorki também lhe avisa que Hitler se suicidou. Jojo volta para a casa e mente para Elsa que a Alemanha havia ganhado a guerra na esperança que pudesse mantê-la com ele, porém depois percebe que precisa deixá-la ser livre. Jojo, então, diz que tem um plano para que os dois possam escapar e vai até o seu quarto se preparar para sair de casa.

Nesse momento, o Hitler Imaginário aparece na porta. Dessa vez, seu uniforme está bagunçado, o cabelo despenteado e a marca da bala em sua têmpora. O ditador (imaginário) aparece agressivo zombando de Jojo e impondo para que ele esqueça Elsa e volte a idolatrá-lo. Hitler Imaginário pega um bracelete com o símbolo nazista e manda Jojo usá-lo, porém ele se nega. Após a sua imaginação em que Hitler implora pela saudação de Jojo, o menino o xinga e chuta o Hitler Imaginário que voa pela janela, cena que inicia à 1hora e 40 minutos do filme.

Para além de comentar sobre os sintomas sociais derivados da neurose noogênica, é importante destacar que a origem da frustração existencial parte da não-liberdade, pois o ser humano pode agir por meio do conformismo, no sentido de fazer o que as outras pessoas fazem ou por meio do totalitarismo, aofazer o que as outras pessoas querem que ele faça (Frankl, 2011, 2021). Essas duas reações provocam uma limitação no processo de escolha dos sujeitos, afastando-os da tensão necessária para a preservação de sua saúde mental. Sendo assim, a neurose noogênica pode provocar tédio, indiferença e apatia como consequência da frustração da vontade de sentido provocada pelo vazio existencial (Santos, 2019).

Como foi comentado anteriormente, os sintomas sociais são respostas não favoráveis à vida. Tanto o conformismo quanto o totalitarismo influenciam nas atitudes coletivistas e no pensamento fanático. Portanto, entende-se que é na liberdade de posicionamento e na responsabilidade de engajar-se na busca pelo sentido de vida que afasta os seres humanos da frustração existencial (Frankl, 2011).

Jojo, nesse momento do filme, consegue tomar posicionamentos a partir das suas próprias concepções, não dependendo mais da idealização do Fürer imaginário. Ao longo da narrativa do filme, ele desconstrói os pensamentos e as atitudes coletivistas e fanáticas. A cena em destaque é o ponto principal de rompimento do pensamento fanático e do posicionamento totalitarista. A partir desse momento, suas decisões são suas e a responsabilidade por elas também.

Sobre o sentido de vida

Uma das últimas cenas analisadas é o final do filme, onde após a Alemanha perder a guerra, Elsa finalmente pode sair de casa. Jojo mente para ela dizendo que a Alemanha venceu e que ela deverá sair escondida e fingir ser cidadã alemã. Porém, ao sair, Elsa se depara com a bandeira dos Estados Unidos estendida pelas ruas e descobre que está livre. Jojo, então, pergunta o que eles devem fazer agora. Elsa sorri e começa a dançar, logo Jojo também começa a dançar com ela. Ao longo da cena, é possível ouvir, ao fundo, a música “Heroes” de David Bowie em sua versão em alemão. O filme termina com os dois dançando em frente a sua casa, cena que inicia à 1 hora e 42 minutos do filme, evidenciando na película a ressignificação da existência para ambos (Santos, 2016).

É possível identificar que a dança, no contexto da história, faz alusão a um valor de atitude, pois apesar do sentido de vida ser produzido individualmente pelo ser humano, ele pode ser encontrado através dos valores que são transgeracionais e culturais (Santos, 2016). No caso da família Betzler, Rosie enxergava a dança como uma ação que expressava um propósito. Isso foi compartilhado tanto com Jojo quanto para com Elsa, ajudando-os que enxergassem a dança como expressão de algo a ser realizado ou vivido por propósito.

Isso pode ser evidenciado em um diálogo entre Rosie e Jojo. Nessa cena, os dois estão na estrada andando de bicicleta quando param para conversar. Rosie diz para Jojo que ele não deveria

estar se preocupando e gastando o seu tempo e energia falando sobre política ou guerra. Rosie diz que a vida deve ser celebrada e que é necessário dançar para mostrar a Deus gratidão por estar vivo.

Em seguida, ela começa a dançar, aos 52 minutos do filme. Jojo observa atentamente a mãe, diz que não quer dançar e completa afirmando que dançar é para pessoas que não tem emprego. Nisso, Rosie responde que dançar, na verdade, é para pessoas livres, o que pode ser entendido como um valor de experiência para Elsa, pois recebe de Rosie, por meio do valor de atitude (Santos, 2016), a recusa ao cerceamento da liberdade de ambas em uma situação limítrofe.

Assim, voltando à primeira cena apresentada de Jojo e Elsa, o sentido de vida naquele momento, foi expresso por meio da capacidade de dançar representando a liberdade. Sendo assim, a dança, no contexto do filme, se apresenta como um valor de atitude, pois diante do sofrimento inevitável, observa-se uma postura de coragem e resistência perante as situações difíceis (Leoncio, 2021). Outro aspecto que evidencia a dança como um sentido, é o fato de ela ser um ato concreto realizável (Santos, 2016), não como algo que fica no mundo das ideias ou na imaginação, mas ocorre na realidade, sendo descoberto objetivamente no mundo (Moreira & Holanda, 2010). É possível ver Rosie dançando e expressando com a dança a liberdade que desejava que a Alemanha provasse, mais tarde no filme também é possível ver Elsa e Jojo dançando expressando a liberdade que já haviam obtido. Assim, a dança é um sentido real e palpável que tem um começo e um fim, caracterizado como mutável e individual (Santos, 2016) evidenciando protagonismo da própria existência (Leoncio, 2019)É importante salientar que o sentido da vida não é criado, mas encontrado, bem como descoberto objetivamente no mundo (Moreira & Holanda, 2010). Cabe ao ser humano, no exercício de sua responsabilidade, buscá-lo. Da mesma forma, a personagem Elsa passa por um processo de busca pelo sentido e após o seu encontro, aguarda a realização do mesmo. Na cena abaixo, Jojo e Elsa estão na janela enquanto observam os ataques à Alemanha começarem. Enquanto isso, conversam. Jojo, então, questiona qual será a primeira coisa que Elsa fará ao se ver livre, ao que a menina responde que seu primeiro ato após a liberdade será dançar.

Nesse momento, é possível entender que Elsa já havia encontrado na dança um sentido a ser realizado na expressão de sua liberdade de vontade (Santos, 2016). Apesar do sentido ser a dança, não era simplesmente o ato de dançar que estava em jogo, no contexto apresentado pelo filme, mas o propósito que ele representava, evidenciada como a liberdade de dançar, de celebrar a vida, o que na realidade da personagem, soava como ilógico. Dessa forma, é possível identificar mais uma característica sobre o sentido, sendo ele presente e que pode ser buscado e encontrado em qualquer circunstância, seja ela favorável ou não (Frankl, 2011; 2019; Leoncio, 2021). Frankl (2021) utiliza essa frase de Nietzsche para explicar melhor sobre as finalidades do sentido: “quem tem um por que viver, aguenta quase todo como” (p. 101).

Elsa se agarra na expectativa da dança como algo a ser vivido no propósito de sua liberdade e maturidade como mulher. Entender a dança como sentido, no enredo do filme, possibilita elucidar que o sentido de vida pode não ser algo fantasioso ou complexo, mas pode ser encontrado em qualquer lugar e em qualquer momento (Frankl, 2011).

Considerações finais

Neste artigo, realizou-se uma análise fílmica qualitativa do longa-metragem Jojo Rabbit fundamentada na abordagem teórica da Logoterapia do psiquiatra Viktor Frankl. As análises evidenciaram que os três pilares da logoterapia, sendo a liberdade de vontade, a vontade de sentido e o sentido da vida, serviram de base interpretativa dinâmica para desvelar a profundidade antropológica de seis cenas cruciais e dois personagens centrais na narrativa, por meio de uma visão de hermenêutica viva.

A partir da trajetória do protagonista Jojo, evidenciou-se a complexa superação de uma latente neurose noogênica. Imerso inicialmente no totalitarismo e no fanatismo coletivista cego, o menino frustrava a sua vontade de sentido autêntico. Contudo, ao acessar a sua dimensão noética, Jojo rompe corajosamente com as violentas imposições do pandeterminismo e passa a tomar posicionamentos independentes. Ele encontra importantes valores que o direcionam para além de si mesmo, assumindo a devida responsabilidade por suas novas escolhas existenciais.

Paralelamente, a personagem judia Elsa ilustra a força incondicional do sentido da vida. Incentivada a exercitar ativamente o autodistanciamento, Elsa se afasta da condição passiva de vítima oprimida. Através do despertar da sua liberdade de vontade, ela descobre valores de atitude poderosos que transformam o seu sofrimento inevitável em resistência humana. A dança final surge não apenas como movimento físico, mas como manifestação concreta de um sentido autêntico descoberto ativamente no mundo.

Por fim, evidenciou-se a viabilidade da análise de elementos cinematográficos na perspectiva da logoterapia. Contudo, reforça-se a necessidade de expandir as pesquisas e publicações sobre a logoterapia. Tais estudos interdisciplinares são essenciais para enriquecer o arcabouço metodológico da Psicologia a fim de consolidar a análise fílmica qualitativa como uma valiosa ferramenta reflexiva contemporânea.

Referências

Amaral, A. M., Peres, C. N., Soares, G. S., Azambuja, G., & Carlesso, J. P. P. (2020). Um estudo pela perspectiva da psicologia cognitiva acerca do filme “Divertida Mente”. *Research, Society and Development*, *9*(2), Artigo e1999. doi.org

Andrade, L. (2018). Vazio existencial na contemporaneidade e suas interfaces psicopatológicas. *Revista Logoterapia e Análise Existencial*, *7*(1), 45–58.

Ferreira, E., Moreira, K., & Silva, R. (2024). A psicologia clínica da logoterapia na busca da homeostase, alostase e saúde mental do paciente no processo psicoterapêutico. *Epitaya E-Books*, *1*(57), 163–180. doi.org

Frankl, V. E. (2005). *Um sentido para a vida: Psicoterapia e humanismo*. Ideias & Letras.

Frankl, V. E. (2010). *O que não está escrito nos meus livros: Memórias*. É Realizações.

Frankl, V. E. (2011). *A vontade de sentido: Fundamentos e aplicações da logoterapia*. Paulus.

Frankl, V. E. (2019). *A psicoterapia na prática: Uma introdução casuística para médicos*. Vozes.

Frankl, V. E. (2021). *Em busca de sentido* (52a ed.). Vozes. (Obra original publicada em 1984).

Lascombe, B., Dorneles, F., Borowski, I., Ferrigolo, M., Nicolai, T., & Carlesso, J. (2019). Análise do filme "Ilha do Medo" sob o olhar da psicologia cognitiva. *Research, Society and Development*, *8*(1), 1–16.

Leoncio, A. (2021). Logoterapia e autotranscendência: Cenários que permitem o protagonismo frente à própria existência. *Revista do NUFEN: Phenomenology and Interdisciplinarity*, *13*(3), 23–34. bvsalud.org

Lima, L. A., Firmino, F. F., Pereira, L. A., & Lemos, P. M. (2020). Considerações sobre a logoterapia e a análise existencial como leituras do funcionamento do psíquico: Uma revisão de literatura. *Brazilian Journal of Development*, *6*(3), 14162–14174. doi.org

Minayo, M. C. S. (2009). *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade*. Vozes.

Moreira, N., & Holanda, A. (2010). Logoterapia e o sentido do sofrimento: Convergências nas dimensões espiritual e religiosa. *Psico-USF*, *15*(3), 345–356.

Oliveira, G. D. B. de, & Borges, M. de L. (2026). Análise fílmica do longa-metragem "Jojo Rabbit" à luz da logoterapia. *Revista do NUFEN: Phenomenology and Interdisciplinarity*, *18*, Artigo e-240599.

Rotten Tomatoes. (2019). *Jojo Rabbit*. rottentomatoes.com

Ruas, A. C. D., & Oliveira, V. C. (2018). Análise do filme tecnologia e internet: Uma reflexão psicológica sobre dependência à luz do filme "Her". *Psicologia e Saúde em Debate*, *4*(3), 1–7.

Santos, D. M. B. dos (2016). Logoterapia: Compreendendo a teoria através de mapa de conceitos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, *68*(2), 128–142.

Santos, D. M. B. dos (2019). Educação para sentido na vida e valores: Percepção de universitários a partir do livro "Em busca de sentido", de Viktor Frankl. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, *100*(254), 230–252. doi.org

Teodoro, E. F., Couto, D. P., Silva, M. L., & Mendonça, R. L. (2021). Psicanálise e cinema: Aplicação da análise fílmica para a aprendizagem do conceito de inconsciente. *Psicologia USP*, *32*, Artigo e200192. doi.org

Vanoye, F., & Goliot-Lété, A. (2002). *Ensaio sobre análise fílmica* (2a ed.). Papirus.

Waititi, T. (Diretor). (2019). *Jojo Rabbit* [Filme]. Fox Searchlight Pictures; Walt Disney Studios Motion Pictures.

Weinmann, A. (2017). Sobre a análise fílmica psicanalítica. *Revista Subjetividades*, *17*(1), 1–11.

Young, S. D. (2014). *A psicologia vai ao cinema: O impacto psicológico da sétima arte em nossa vida e na sociedade moderna*. Cultrix.